

Vistas de Dentro

*Por um pedaço de pão...
quanto sacrifício!*

DEPOIS de arrumar o correio daquele dia desci a dar uma volta pela quinta. De regresso, subi a majestosa avenida e, ao cimo, para evitar o calor que já se fazia sentir àquela hora do meio-dia, tomei o rumo da sombra das árvores entre o campo da bola e o redondo cheio de árvores de fruto e vistosas aves de jardim.

A certa altura comecei a ouvir um barulho aflitivo de muitos bicos: à frente um dos galos grandes, com um pedaço de pão no bico, que tinha encontrado, fugia perseguido pelo pavão, perú, garnisés, cada qual a disputar o lugar mais próximo do beneficiado. Este, correndo mais, parava uns momentos e ia depenicando no pedaço. Mais próximos, mais uma corrida e mais uma paragem a depenicar. Quando já tinha comido o suficiente

deixou o resto e tomou conta o pavão. Este, também saciado, abandonou os pequenos fragmentos aos garnisés que estavam à volta. Todos comeram e aproveitaram os restos.

Foi um dos quadros da vida real mais significativos que tenho encontrado. O sacrifício e a luta pelo pão. Todos correm por ele. Os

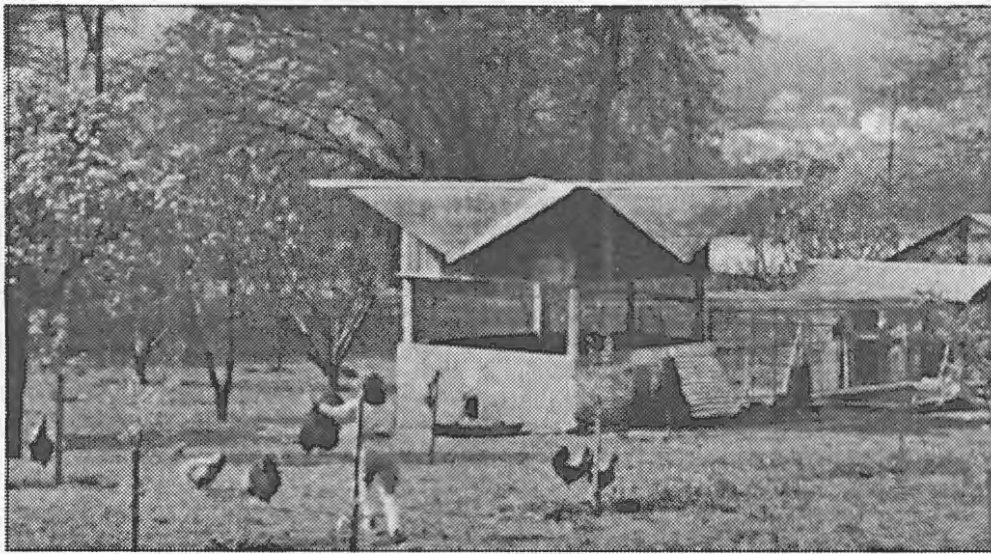
grandes são, por vezes, os mais beneficiados, os que correm mais, os que se servem primeiro. Aqui todos comeram. Os mais pequenos comeram as migalhas, mas as migalhas também são pão. No fim houve harmonia.

Em contraste tenho encontrado também quadros da vida em que não pode haver harmonia. Muitos ins-

talados que comem tudo e não deixam nada para os outros. Outros que se encontram sempre insaciáveis, nunca lhes basta o que têm. Ainda muitos outros que lutam e o pão nunca lhes chega, e vão continuando a lutar e vão-se contentando com as migalhas.

Cada um tire para a vida a lição. É sempre bom e saudável colher as lições da Natureza. Geralmente os que têm o pão mais sacrificado e mingado são os que se sentem mais felizes.

Padre Ilário



Árvores de fruto e vistosas aves de jardim

Tribuna de Coimbra

*Tem a ver com cada um de nós
a felicidade dos outros*

NÃO podemos deixar de inquietar. Pois que inquietos andamos nós. Inquietos, que não perturbados. É diferente. Nós queremos transmitir Esperança; queremos ser profetas de «Boas Novas», que os das desgraças povoam por demais os nossos olhos e poluem os nossos ouvidos.

Mas, às vezes, os dramas sociais que observamos à nossa volta, entristecem-nos, sobretudo, quando se trata de vidas inocentes ou de outras remetidas ao esquecimento e à valeta da vida.

Não podemos deixar de pensar no drama humano que trouxe até nós mais um pequenino da Grande Lisboa. Veio ocupar o lugar vago pelo regresso do Paulinho e do João Vicente à família natural.

Estamos num bairro de Lisboa; de uma «certa» Lisboa — já se vê...! Não entra nos roteiros turísticos nem nos programas culturais da Grande Cidade — a não ser em tempo de votos.

Um quarto andar. Enquanto subíamos, fomos amplamente esclarecidos: «Ninguém sabe de ninguém... É um inferno». Subimos e entramos. Montes de roupa por todo o lado — sinal de uma certa caridade. Nós já estamos habituados a ver e a corrigir — não basta dar. Embrulhados no labirinto, quatro crianças: duas meninas e dois meninos pluri-raciais. Parecem estimados. Vive lá uma avó — a outra mãe...

Fui a pedido de alguém preocupado com o comportamento de um deles: um menino de nove anos quase feitos: «Não quer ir à escola, não quer ir para casa, só quer rua e mais rua...». O resto da descrição completou a mãe: «Até já se virou a mim!».

É um discurso estafado. Nós, que já conhecemos os seus contornos, desdramatizámos. Evidentemente, a «doença» não está com o menino. Ele é simplesmente um contagiado. Ela é familiar e social. Tem a ver com os progenitores, com as políticas de habitação, de educação e outras. Tem a ver com cada um de nós, também. Nunca poderemos esquecer essa outra responsabilidade anónima, mas não menos importante.

De resto que esperar de uma mãe que, na sua adolescência, foi objecto de comércio entre Portugal e Espanha — o tal de que ouvimos falar mas cujos contornos iníquos e pecaminosos desconhecemos, bem como quem com isso enriquece?!

Que esperar de um bairro onde campeia o comércio da droga e este, sem repressão eficaz?!

Que esperar de uma criança que terá assistido a espancamentos e intimidações exercidas desafortadamente sobre a própria mãe?! «Estou farto» — disse — e bem! E veio connosco. Está sereno e feliz. Seja abençoada por Deus aquela Comunidade Paroquial que está também tentando levantar a mãe.

Tem a ver com cada um de nós a felicidade dos outros. Nós havemos de procurar a melhor para o Fernando Tiago. Como ficaremos felizes se à mãe dele for dada oportunidade e ela não a desperdiçar.

Padre João

*Não há soluções ideais
fora da família
normalmente constituída*

MAIS uma vez sucede, nesta altura do ano, ser completamente submerso por pedidos e mais pedidos.

Um dia desta semana, vieram nove pedidos. Este ano a novidade veio do facto de me encontrar com uns quantos pedidos feitos por Comissões de Protecção de Menores. É uma estrutura nova que vai dando passos e, para bem da criança, alguém que se interessa por ela. Porém, acaba também nos relatórios para isto e para aquilo. A criança fica com mais um relatório, mas fica na mesma dado que não há sequência no assumir da criança. Talvez não possa fazer mais. Se conseguir sensibilizar o meio e ajudá-lo a estar atento, bem cedo, para os problemas da criança e da família, já é algo a não desperdiçar.

Há dias, a um interlocutor de uma dessas Comissões lancei o desafio: Porque não fazem um Abrigo e dão solução já que há tantos problemas nessa área. A resposta foi simples: «Já tentámos, já começámos a elaborar estatutos, mas vimo-nos forçados a abandonar a ideia porque as despesas seriam incomportáveis.» Tentei perceber porquê. Um projecto para 12

ENCONTROS em Lisboa

crianças implicaria uma direcção da Casa, uma assistente social, uma psicóloga, uma empregada de secretaria, duas cozinheiras, duas ajudantes de cozinha, uma empregada de limpeza, uma educadora e cinco vigilantes... Não perguntei mais. Mesmo que nem todos estivessem a tempo inteiro, estava completo o quadro para uma total inoperância e também para um desfalque económico insustentável. É quase sempre assim. As boas ideias e as boas aspirações acabam por se complicar tanto que não há saída possível.

Este quadro sugere-me duas ou três reflexões:

A primeira diz respeito a uma confusão existente entre solução humana e solução técnica. Uma criança em crise, ou por abandono ou por maus tratos ou por comportamentos desajustados que indicam outros problemas que estão por detrás, tem necessidade, antes de mais, de encontrar um ambiente que lhe seja favorável do ponto de vista humano, isto é, alguém que a queira por ela mesma, que esteja disponível para ela, que a compreenda,

que a respeite, numa palavra, que a ame. Depois, e só depois, virá a técnica ajudar, complementar, dar a possibilidade de melhor encontrar os caminhos. A técnica só por si não faz um homem. Todo o homem, em toda a sua vida e, sobretudo, na fase de crescimento, precisa de amar e ser amado. Se esta condição não está assegurada, podemos temer pelo normal desenvolvimento de uma criança.

Uma segunda reflexão tem a ver com a estabilidade necessária para o desenvolvimento. Uma criança precisa de conhecer quem é quem nas relações que estabelece. Autoridade e afectividade não se compadecem com mudanças contínuas de quadros, ao sabor das conveniências de carreiras ou de vidas privadas de adultos. A criança precisa de ter alguém, um referencial estável, onde a confiança e a certeza de que está alguém, não seja uma ilusão.

Ligada a esta segunda, aparece uma terceira reflexão. Está um pouco na moda as crianças a prazo: são as amas ou famílias de acolhimento, são as instituições até aos 11 anos, são os centros de acolhimento e encaminhamento... A criança fica sem saber com quem e com quem contar no dia de amanhã. A insegurança é total. Faz-me lembrar a história da árvore que é constantemente mudada de sítio. Nunca crescerá. Fico sobretudo surpreendido com

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

DIÁRIO DOS POBRES — Muita gente aflita por remédios! Especialmente os idosos. Desabafa um deles: — *Tenho de os tomar p'ra poder viver...* E acrescenta: — (...) *É q'a pensão de reforma, como sabe, não dá p'ra mais!*

Agora mesmo, pagámos setenta contos na farmácia — com os óbolos dos nossos Leitores. E que são vida... para os mais pobres.

Outra classe de gente a quem deitamos mão: os Autoconstrutores. Tão sacrificados! Infelizmente, continuam sem «direitos de cidadania»...

Com tamanho défice habitacional, quais os municípios que atendem e esclarecem, pormenorizadamente, toda a gama de benefícios muito específicos que a lei prevê para os heróicos Autoconstrutores?

Há poucos dias, servimos um que não perde, nem pode perder tempo nos cafés nem em locais de lazer que prejudiquem o seu orçamento doméstico. Tem um salário de 75.000\$00 mensais. Dois gémeos. A moradia com três quartos, uma sala, cozinha e dois WC. Tudo isto cresce pelas mãos dele — cheinhas de calos! Pediu um empréstimo bancário. «*Para me safar...*» — disse. Queria dizer, com certeza: para não demorar a terminar a obra.

Não muito longe, há também uma família que, na última invernia, sofreu abalos na fronteira da habitação. Perora um auxílio para a obra e, desta forma, o próximo Inverno seja menos doloroso.

PARTILHA — Assinante 42971, de Ovar, cheque de cinco mil para «os Pobres mais necessitados ou para quem melhor entenderem». A Caridade é dinâmica!

O dobro, da assinante 60788, da Rua do Cunha — Porto: «*Em período de férias segue esta migalha para o que julgarem mais necessário. Que Deus me ajude também a vencer algumas necessidades espirituais de familiares*». Preces muito ricas, nos dois sentidos da vida.

Mais cinco mil, do assinante 38855, também do Porto, «*para a Conferência utilizar no que melhor entender*». E mais: este Amigo «*fica grato por todo o bem que me fazéis*». Não somos dignos de tanta delicadeza!

Agora, um remanescente de contas com a Editorial, pela mão do assinante 6616, de Lisboa: «*Se sobrar alguma coisa, será para os vossos Pobres*».

Vale de correio, de «*uma portuense qualquer*», relativo «*aos meses de Agosto e Setembro/96 com a migalha (dez contos) e um abraço*» que retribuimos com amizade.

Assinante 14584, de Rio Tinto: «*Envio dez mil. Não precisa de agradecer. Somente gostaria que viesse no Jornal O GAIATO o meu número de*

Pelas CASAS DO GAIATO

assinante. Bem haja». Ele aí está, D. Camila.

Mais vinte dólares canadianos, da assinante 32217, de Vancouver, «*pequena ajuda para ser entregue a um necessitado*». Cumprimos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

AZURARA

AZURARA — Pertenci ao segundo turno, em Azurara. Como sempre, o nosso dia-a-dia é passado com regras.

De manhã, levantamo-nos às 9 h. para estarmos preparados no pequeno-almoço. Depois, os cozinheiros tratam da comida que estará pronta às 12.30 h.

Entretanto, temos a copa e cada um faz a sua faxina. Às 15 h. seguimos para o mar e só tomamos banho às 16.30 h.

Regressamos a casa às 19 h. para rezarmos o Terço e, depois, o jantar.

Tudo pronto, o chefe dá ordem para os mais velhos irem passear até à Vila, mas cada um levando dois pequenos e o chefe um grupo.

Regressamos às 11.30 h. e deitamo-nos à meia-noite.

Infelizmente tivemos azar com o tempo. Após uma semana de nevoeiro, o sol resolveu aparecer, o que deixou todos contentes.

No último dia fizemos uma grande festa, a que chamamos «despedida», com teatro e um concurso. No final foram dis-

tribuídos a todos chocolates e outras guloseimas.

Agradecemos às senhoras que quase todos os dias ofereciam gelados para a sobremesa e merenda.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

PAÇO DE SOUSA

VISITANTES — Estamos em meados de Agosto. Mês de Festas e Romarias neste nosso Portugal. As que se realizam por estas bandas têm ponto de passagem pela nossa Aldeia.

Outras visitas significativas são as dos nossos Emigrantes. Todos os anos marcam presença. Eles, da Alemanha, França, Holanda, Inglaterra, Luxemburgo, Venezuela, Brasil, etc.

É sempre com um misto de alegria e saudade que os vemos partir.

— Até para o ano, se Deus quiser! — dizem.

— Assim seja — dizemos nós.

Também estamos agradecidos pelas visitas dos nossos Amigos em excursões ou a título pessoal. Gostamos que nos conheçam. Por isso somos a Porta Aberta.

FORMAÇÃO PROFIS-

SIONAL — Os quatro rapazes que frequentam cursos de formação profissional, no Porto, estão de férias e, entretanto, passam três semanas na praia para regressarem com unhas e dentes para serem alguém na vida.

BATATAS — A colheita principiou. Só recolhemos a batata num campo.

Antes tínhamos colhido as pequenas leiras onde usámos semente do ano anterior.

O resultado foi muito pobre, é evidente, mas para o ano será melhor, se Deus quiser.

Marco Paulo

POMAR — O nosso pomar, como outras árvores espalhadas pelos nossos campos, estão a dar bastante fruta que só podemos comer à sobremesa porque se destina à Comunidade.

JOGOS — Eles são muitos e variados. Nesta altura, cá em casa, é o berlinde que está em moda. À carambola ou ao buraco, é vê-los, grandes e pequenos, em renhidas partidas no parque dos baloiços junto da casa 4.

Há dias, no intervalo do almoço, de tão entusiasmados, não deram conta do toque para o trabalho. Foi necessário um mais velho ir «acordá-los».

PISCINA — Está a funcionar em pleno. Diariamente é das notas mais salientes — a hora da piscina.

Em algazarra e alegria saltar, os rapazes, banham-se e brincam.

Alguns visitantes ficam contagiados com a atmosfera reinante e retiram-se contentes com o que viram.

MIRANDA DO CORVO

PRAIA — O terceiro grupo já regressou. Os rapazes vêm bronzeados e cheios de força para encetarem um novo ano de trabalhos.

GADO — O vitelo da nossa vaca «Branca de Neve» (que morreu) tem estado muito doente. Pensamos que a causa seja o leite.

Temos mais uma porca prestes a parir. Esperamos que seja boa ninhada de leitões fortes e saudáveis.

AGRICULTURA — O feijão que semeámos no bataréu da latada está muito fraco.

Já cortámos o pendão do milho, na terra do Poço Novo.

João «Pequeno»

A cebola foi colhida e guardada no armazém por cima dos galinheiros.

PISCINA — Continuamos a frequentá-la.

É um momento de grande alegria e muita brincadeira.

Na piscina fazemos jogos, corridas e, da prancha, saltos habilidosos para a água.

PADRE FRANCISCO — Visita-nos com alguma regularidade para nos confessar.

Sempre muito bem disposto, ajuda-nos a conhecer melhor Jesus.

Diz que quando chega sente uma grande alegria porque vê que existe grande interajuda entre a comunidade.

EXCURSÃO — Em 18 de Agosto recebemos uma excursão da Figueira da Foz.

Quiseram ver tudo e gostaram do que viram.

No fim deixaram-nos uma lembrança que muito agradecemos.

Esperamos que outras pessoas, quer em excursões quer a título particular, nos visitem também. Gostamos muito de receber os nossos Amigos.

CARA NOVA — Chama-se Fernando Tiago. Tem oito anos e anda na terceira classe. Veio no dia 30 de Julho da Buraca — Lisboa.

AULAS — Estamos a um mês do seu início e é grande a ansiedade.

O momento de regresso às aulas significa o reencontro com os amigos, professores e alunos, que não vemos desde o começo das férias.

Em nossa Casa é, também, a expectativa da Nova Escola.

PASSO A PASSO

ONTEM, como de outras vezes mais, fui até ao pomar. Vou para ver o andamento da fruta nas árvores; para deitar os olhos às galinhas, patos e gansos nos seus ninhos, quando os têm; vou para regar as árvores e contagiar este ou aquele rapaz que me acompanha, nesse trabalho.

Desta vez foi o Tiago. Enquanto com o Almeida vamos *deperando* uma das pereiras, o Tiago toma a mangueira e voluntariamente inicia a rega.

Terminada a colheita, fico a regar com o Tiago.

Uma das árvores, perto do tronco, tinha uma erva daninha já crescida. Instintivamente mandei-o arrancá-la. Enquanto isso fazia, o Tiago lembrou-se das flores da sua avó, e do cuidado com que eram tratadas. Agora esta era a sua flor... Tomou-a nas mãos com cuidado e perguntou-me se ela voltaria a pegar. Diante a minha resposta afirmativa, abriu, com as mãos, uma pequena cova e lá depositou as raízes da erva acariando depois a terra em volta delas.

Eu ia olhando, procurando ver e perscrutar o sentir daqueles gestos tão ricos para com um ser tão insignificante. E a palavra do Tiago foi-me conduzindo à varanda da avó dele e dos jardins da cidade que ele conhecia.

O Tiago está connosco há pouco tempo. Custou-lhe muito cortar com os jardins e as

plantas e a avó que ele acarinha nesta simples erva daninha. Enraizar-se de novo foi doloroso, mas vai-o conseguindo. Nós ajeitamos a terra em volta com carinho para amaciar a dor do transplante.

Foram os grandes males dos nossos dias que obrigaram e arrancaram o Tiago do seu meio onde naturalmente haveria de crescer...

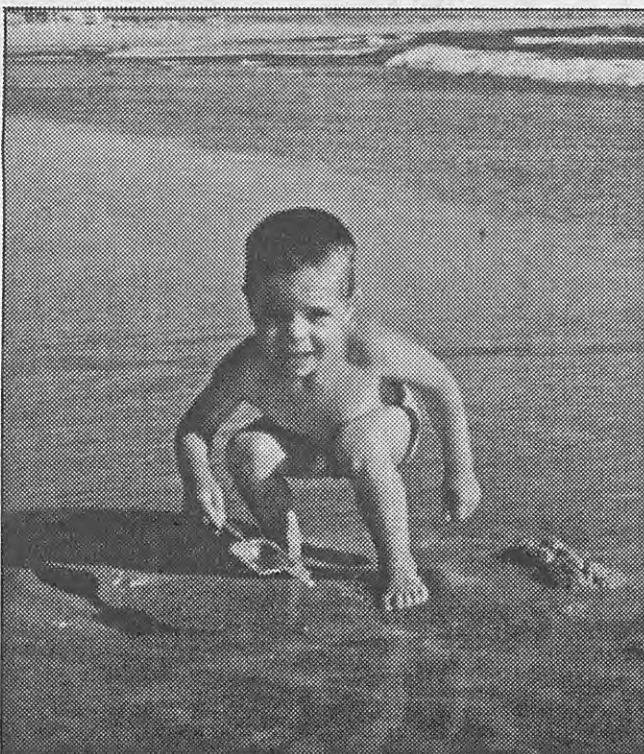
A droga, o álcool, a cidade desumana e violenta foram mais fortes que o amor da avó que quer que o seu neto seja, quando for grande, um Homem. As suas lágrimas unidas às suas palavras, aqui há dias, confirmaram-no. E regam este enraizar do Tiago na nossa vida, ajudando a redimir os culpados. Mas quem assume as culpas? Esta avó que está inocente!

Soube-me bem ouvir da boca do Tiago, chamar jardim ao nosso pomar. Com que alegria ele depois disse que tinha estado a regar o jardim!

Num tempo em que proliferam os jardins, públicos e privados, há muitas flores com rosto humano que vão sendo adubadas com venenos mortais. E estes males não se rejeitam, antes vão criando jardins imaginários em quem os consome e em quem os trafica.

É preciso aprender e chorar as nossas culpas com a avó do Tiago. Quando as lágrimas jorram da fonte que é o amor, tudo fica mais purificado. A vida será outra vez.

Padre Júlio



O Pedro, de 4 anos, brinca, feliz, em Azurara.

Agora

É assim. Os nossos dias são cheios de trabalhos previstos... e de imprevisto, tornam parte difícil o dever de escrever. É sempre sobre a hora, à pressão do Júlio a reclamar original, que a veia sangra qualquer coisa e logo seca à voz de *basta* do nosso Redactor-mor. Foi assim, neste ritmo binário do *é preciso-já chega*, que nasceu, tardio, o AGORA da passada edição... e terminou ali. Hoje, não. É o saco das arrecadações que, uma vez encetado, pede que o esvazie... até nova maré cheia que irá crescendo ao longo de meses.

De Lisboa, este cântico de amor conjugal ampliado a dimensões de amor universal:

«Envio cheque que minha mulher pediu para enviar para a vossa e nossa Obra.

Não costumo escrever mais do que as palavras indispensáveis ao enviar o pagamento, irregular, da minha assinatura, mas desta vez peço desculpa por vos roubar um pouco do vosso precioso tempo.

Minha mulher, que acaba de ser operada a doença grave mas que com a graça de Deus espero venha a ser delibada, gostaria que a pequena importância que junta e que corresponde ao dinheiro que o Seguro nos pagou pela operação e internamento, fosse aplicado numa das obras de autoconstrução que entendesseis por bem ajudar. Mas pede-me para vos dizer que se entenderdes mais urgente outra aplicação, tudo bem!

Obrigado e agora pedia-vos que lembrásseis minha mulher nas vossas orações, para que Deus a ajude a ultrapassar este mau mo-

mento, já que as minhas de pouco valerão.»

Continuamos na Capital e no espaço que ora se designa por *Grande Lisboa*.

Uma licenciada em Farmácia *«com uma pequena ajuda ao vosso objectivo de proporcionar casa condigna aos que não a têm»*. A delicadeza destes correspondentes — decerto o seu sentido de Justiça Social que a Caridade sempre revigora — fá-los rotular de pequenos dons avultados que só Deus sabe quanta renúncia implicam.

Nova Oeiras:
«É com muito amor que leio o nosso 'Gaiato' que mexe sempre com o meu ser.

Sigo atentamente a glorificação canónica de Pai Américo.

Rezo por vós todos que trabalhais nessa Obra de amor.

Que Deus vos dê sempre muita força.»

Perto é Alapraia e lá mora uma Maria de Lourdes que, por isto e por aquilo, encontra repetidas razões para aparecer.

Do outro lado da barra do Tejo é a Costa da Caparica e *«uma Mãe de família muito grata pela mensagem de amor e partilha que o Famoso sempre nos traz, junto uma migalhinha para um telhado ou para os vossos irmãos de Angola ou Moçambique, conforme o vosso critério»*.

Caminhando para o Norte, uma paragem em Alhandra, um Ralha que, se ralha, também procura *«amar em obras e em verdade»*. Um salto a Oeste, a Torres Vedras. E outra paragem em Ferreira do Zêzere, dom rematado por um *«Bem-hajam e a minha amizade!»*

Chegamos a Coimbra, Rua de Saragoça: um cheque com várias intenções e também o Património dos Pobres. E este reviver um passado de mais de meio século:

«Conheci o senhor Padre Américo, quando ele começou a sua grande Obra a favor dos Pobres.

Fálamos muitas vezes, eu e outras companheiras desse tempo, ainda éramos estudantes em Coimbra. Lembro-me de o ouvir falar na Igreja de Santa Cruz, minha freguesia.

Mais tarde, colocada no Porto, fui algumas vezes a Paço de Sousa. Recordo todos esses tempos com muita saudade e o interesse que tínhamos pela Obra do senhor Padre Américo.

Que ele lá do Céu a todos nos ajude e ajude a salvar a juventude dos tempos de hoje, as crianças e não só...»

Um salto às Beiras, a Vila Franca das Naves: *«Gostaria de enviar muito, mas vivo da minha pensão de reformada»*.

Agora, Aveiro — Aradas, assinante 29958. E chegamos a Gaia — Rua Pero Vaz de Caminha, um Técnico Mecânico, com um cheque gordo e esta sóbria legenda: *«Por todas as graças recebidas e pelo amor das crianças dos vossos Lares, com muito amor e devoção.»*

No Porto: Assinante 23185 e uma *«oferta da vontade do Grupo Coral de Nossa Senhora da Vitória»* assinada por todos os componentes.

Valbom, com este recado de um António:

«Recebi hoje o Famoso e nele li a notícia que me tocou profundamente, além das demais, claro!»

Trata-se da relativa ao Património dos Pobres. É que eu, simples reformado, que tenho uma casa que me abriga das intempéries, não posso ficar indiferente àqueles que, querendo tê-la, não a podem possuir, sem a ajuda dos 'outros'.

Assim, envio esse cheque, que sendo pouco, como bem sei, poder-se-á juntar a outros para fazer face aos apelos dos que precisam.»

Mais aquela velha Amiga que não perdoa o recibo, para voltar a enviar-nos no fim de cada ano, tudo o que o fisco lhe não levou. É a Armandina cujo telefonema, «depois de Agosto», fico aguardando.

De Vila Nova de Famalicão, sinal de vida *«de uma Maria, grande admiradora da Obra de Pai Américo»*.

Um voo maior e estamos na Alemanha, em Leimen. Por mãos compatriotas, eis a história:

«Uma amiga nossa dum grupo Ecuménico e da Paróquia resolveu — quando fez uma grande festa para celebrar os 70 anos — prescindir de presentes e, em vez disso, animou os convidados (já no convite escrito) a deitarem qualquer coisa numa caixa que para o efeito colocou à entrada da sala do restaurante. E assim se juntaram estes 700-DM que esperamos dêem jeito para mais qualquer projecto da Casa do Gaiato.»

E terminamos, como começámos, em Lisboa e também com uma expressão de amor familiar. Esta marcada pela dor de uma separação recente após 52 anos de matrimónio: *«Apesar da idade, nós nunca aceitamos a ideia de perder um ente querido. Sinto uma amargura muito grande. Tenho filhos e netos, mas o marido ninguém o pode substituir (...) Pedindo uma oração por ele, venho trazer-vos hoje um pequeno auxílio para o Património dos Pobres.»*

Padre Carlos

Malanje dia-a-dia

20/7/96

Os sal... Bem amargo o sal... Porém tão necessário à vida. Penso nas populações isoladas e a definir por falta dele.

Na Baixa de Cassanje — antigo mar — há ainda um rio com lama salgada. As populações vão ali e aproveitam-na para cozinhar.

Pai Américo apanhou-lhe o amargor e com ele simbolizou as dores quotidianas que, por vezes, os rapazes lhe causavam.

Aqui são os roubos. O hábito do roubo, contraído numa sociedade que quase o adota e acarinha, enraizou profundamente. Tão difícil mentalizar as crianças para o respeito pelo que pertence ao outro...

Luta quotidiana!

Quase todos os dias o amargor do sal!

Neste final de mês foi bem um saco dele pela garganta abaixo... Até uma das nossas lavadeiras vendeu coisas das nossas crianças lá no mercado! Santo António nos valha!

Pai Américo logo numa das primeiras colónias de férias com rapazes das ruas de Coimbra, mandou no primeiro comboio a cozinheira por ter roubado um queijo que se destinava ao lanche das crianças...

Porém ele não se ficou no amargor do sal. Foi ao fundo e tomou-o como alimento que redime e enriquece.

25/7/96

HOJE, outra aflição: Foram as Irmãs da Maxinde a repetir-me mais uma vez: — *Quando traz os meninos?* Estes, vítimas da guerra, foram recebidos juntamente com meninas. Cresceram juntos. Agora atrapalham.

Falta a técnica (técnica ou amor?) da Obra de Nossa Senhora das Candeias a constituir famílias (deles e delas) nas mesmas habitações — irmãos e irmãs.

Mas Malanje é uma cidade triste e desolada... Sem flores, sem água, sem luz e tão longe... Falta o salto.

Reparem que os hábitos desta sociedade raíam pela mesma concepção. Ainda hoje, o meu amigo Pinto veio à nossa Casa por um casal de coelhos e, sorrindo, me confessou: *«Sabe, a minha casa é quase uma casa do gaiato — somos trinta. Tive que receber os filhos de minhas irmãs que, segundo os nossos hábitos, passaram a ser meus filhos e irmãos dos meus»*.

Nem sombras de problemas de sexo.

Certo, só que as casas de habitação não têm quartos para meninos e meninas. Vamos ter que trazer os rapazes. Cento e cinquenta mais sete! Assim será.

Padre Telmo

Carta para uma jovem

(Assinante 43396)

Permita-me que lhe diga que a sua carta publicada n'O GAIATO de 20 de Junho passado me «tocou» profundamente, mais pelo que se intui nas entrelinhas.

Também eu, há muitos anos, tive as suas dúvidas, as suas inquietações, os seus dilemas. Sobretudo, a partir do momento em que recebi da Casa do Gaiato a seguinte mensagem, que religiosamente guardei durante muito tempo:

«Quem não tem que dar na medida da sua vontade, talvez não tenha reparado que se tem a si mesma para dar»...

Só que... Deus não me achou merecedora de ser Mãe de uma multidão incontável de filhos e ficou-se pelo reduzido número de cinco; mas ainda hoje me dói a alma ao ouvir reclamar por Mulheres que dêem aos mais pequeninos, alguns (muitos infelizmente) órfãos de mães vivas.

Pressente-se na sua carta um coração generoso e sensível. Se puder, leia «urgentemente» os livros de Pai Américo a começar por Isto é a Casa do Gaiato. É fascinante!

Deixe-me terminar com uma citação sua do livro Notas da Quinzena:

«É ainda por ela, a alma, que tu, leitor indeciso, comesas a penetrar nestas verdades, a compreender a minha aflição, a amar o que tens de mais precioso! Tudo na vida é perda, tudo!, se o não colocarmos incondicionalmente ao serviço da alma».

Aos sessenta anos, entende-se melhor que o serviço da alma é, acima de tudo, o serviço dos Outros.

Pense nisso. Um abraço.

Assinante 31624

Continuação da página 1

a facilidade com que se confiam crianças a casais que, logo que o menino ou menina começam a dar problemas derivados do seu crescimento, se desfazem deles como peças incómodas de vestuário. No fundo, essas crianças nunca foram adoptadas e aceites e o envolvimento afectivo não se fez. Mais grave ainda, precisamente na fase em que a criança se deixa envolver afectivamente. Foi defraudada.

Não se pense que com estas reflexões estou a criticar alguém. Todas as pessoas que trabalham nesta área das crianças e jovens em situação difícil sabem que não há soluções ideais fora da família normalmente constituída. Estou apenas a chamar a atenção para soluções que a ex-

ENCONTROS em Lisboa

periência, logo à partida, diz que terão que falhar.

Este conjunto de questões aparece-me essencialmente como um desafio aos cristãos que somos e à Igreja que também somos. Com efeito, a pergunta pelo Próximo continua hoje a ser a pergunta que qualquer cristão, no seguimento de Jesus Cristo, continua a colocar-se. Estar atento a uma franja grande de crianças e jovens em necessidade é abrir os horizontes do coração. Perceber que a nossa vida, na sua doação, pode ajudar a que haja menos sofrimento, é

seguir o Mestre que veio para servir e não para ser servido. Entender que a nossa vida, doada, na vocação de paternidade e maternidade adoptivas, é penetrar no mistério do amor de Deus pelos homens

Padre Manuel Cristóvão

PENSAMENTO

Senhor dos Céus — Mandai para esta lição divina gente que queira trabalhar; que vá ver com os seus olhos e apalpar com as suas mãos como é a vida dos que moram nas traseiras das cidades, que as fachadas não dizem toda a verdade.

PAI AMÉRICO

Património dos Pobres

Visita ocasional

UM dos nossos fazia Juramento de Bandeira e julgá-mos que devíamos acompanhá-lo. Era um acto muito importante da sua vida. A família, podendo ser, tem sempre o dever de acompanhar os seus elementos, sobretudo nos momentos mais marcantes. O Juramento de Bandeira é um acto muito solene. Este nosso rapaz não tem ninguém de família. A família

somos nós que o criámos de pequenito e ele tem sido sempre um elemento precioso na nossa vida.

Partimos de casa manhãzinha para estarmos à hora. Chegamos à porta do quartel, informaram-nos de que a cerimónia se realizaria de tarde; mas, se quiséssemos almoçar, o quartel ofereceria-nos o almoço. Agradecemos e fomos fazer horas.

Dirigimo-nos a uma praia vizinha que está a organizar-se e a crescer. Uma zona grande de mata florestal. Longas e largas ruas com

boa urbanização. Vão aparecendo habitações luxuosas. Estão a construir muitos prédios majestosos para habitar e vistosas lojas de comércio, algumas já a funcionar.

Seguimos até à beira-mar. Uma longa rua só areada. Uma máquina tinha quebrado um cano de água. Estava muita gente a apreciar o escavar da máquina. Ao lado vendedeiras de peixe vendiam-no num recinto cimentado. Havia muito barulho. À frente uma fila de barracas de madeira, de exíguas dimen-

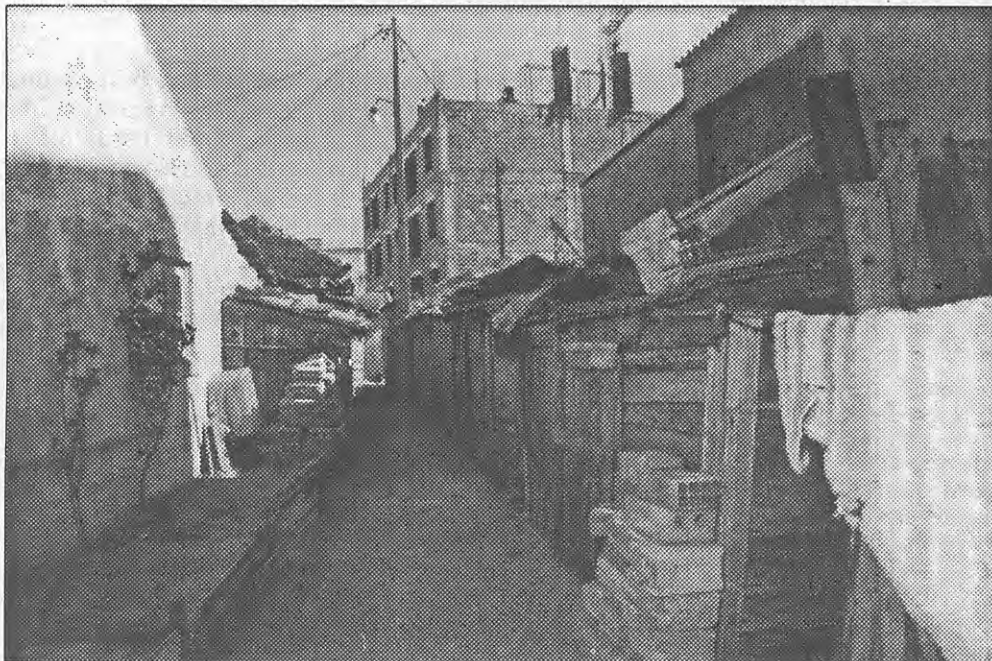
sões e em estado de abandono, serviam de habitação para muitas famílias. Muitas mães novas estavam na rua rodeadas de filhinhos. Ambiente sujo.

Regressámos ao nosso destino. Seguiram-se horas de choque e inquietação. Tanta sumptuosidade de alguns edifícios. Tantas habitações luxuosas que ficarão vazias. Outras que poucos dias servirão. Residências com muitas divisões para famílias pouco numerosas. Muito espanto em várias construções. Muita grandeza só para os olhos verem.

O contraste continua a aparecer e está bem à vista. Naquela terra, como nas outras, as barracas aparecem. São o sinal negativo do nosso viver. São os abaracados que, geralmente, aceitam os filhos e os apresentam com orgulho. Os ricos e remediados, que têm casa decente para habitar, contam-nos e bem contados.

E continuamos neste clima de desvergonha. Uns com tudo e outros à míngua. O desequilíbrio social. Um viver de costas voltadas, numa sociedade que se diz cristã. Há muitas situações que são escandalosas. São injustas. São desumanas.

Não nos repugna habitações airoas, cómodas, confortáveis. Repugna-nos sim o excesso ao lado da miséria, que muitas vezes fomentamos com o nosso espanto. A miséria é fruto do nosso modo de vida. Abandonamos.



Barracas de madeira, de exíguas dimensões, serviam de habitação para muitas famílias.

Padre Horácio

BENGUELA

Angola necessita de fogueiras de humanidade que irradiem calor humano...

A PROMAICA fez anos. Nascida há seis anos, caminha como gente que tem boas pernas para andar. É uma realidade que nos dá muita alegria. É um movimento que tem como objectivo a promoção da mulher angolana. É mais uma filha da Igreja católica, em Benguela, a revelar-se como mãe e mestra de humanidade.

Ontem, houve um encontro no Lar dos velhinhos, bem perto da nossa Casa do Gaiato, e fui lá. Os membros mais activos do Movimento, de todas as paróquias de Benguela, estiveram em alegre convívio com os habitantes do Lar, todos portadores de grande deficiência física e, em muitos casos, mental. Como gostei de saborear este momento alto da celebração do aniversário da PROMAICA!

Angola necessita de fogueiras de humanidade que irradiem calor humano capaz de derreter o gelo da indiferença, da falta de solidariedade, da falta de respeito pela vida, da injustiça. Ele há fogueiras, mas são muito poucas!

Em movimentos como a PROMAICA, o motor chama-se Amor e Justiça. O amor liberta na medida em que educa para a promoção. Há a multidão de mulheres angolanas que não estão no seu lugar. Elas são a maioria. Quantas vezes consideradas como seres inferiores, perdem de vista o pedestal que lhes pertence na vida social.

A educação é um serviço lento. A PROMAICA é também um autêntico serviço de educação da mulher angolana que abarca a mulher toda. Ela é capaz de subir para o seu lugar como qualquer mulher. Este

movimento é, em verdade, uma fogueira de humanidade. Está a ajudar a mulher a caminhar ao lado do homem, nem atrás nem à frente.

A Casa do Gaiato, consciente desta questão social, tem prestado um cuidado particular, através da escola primária, às meninas dos bairros que a rodeiam, no sentido de frequentarem a escola e continuarem o estudo dentro das suas capacidades. A nossa carrinha é um apoio de muito valor. O material escolar fica à conta da Casa do Gaiato. Tem custado a mudar a mentalidade de que a menina não precisa de estudar mais. Estou a referir-me a alguns estratos sociais, muito numerosos, mais afastados do centro. Por outro lado, é consolador verificar os passos em frente que estão a ser dados. No sábado passado, estive numa reunião de pais e encarregados

de educação, na escola do terceiro nível. Com grande surpresa de todos, o anfiteatro era pequeno para tanta gente! É estimulante ver o interesse dos pais pela vida escolar dos filhos, ao menos nestas ocasiões. Refira-se, porém, que se trata dum campo muito restrito

★ ★ ★

D. Virgínia partiu para o Pai. No seu longo caminho pelas Casas do Gaiato e pelo Calvário, deixou as suas pegadas também na Casa do Gaiato de Benguela. Os rapazes antigos falam muito dela, como os filhos costumam falar das mães. Alguns contam pormenores interessantes da vida deles, em que a senhora D. Virgínia tem as suas marcas. É sinal da acção que perdurou pelas suas vidas fora.

Desta tribuna quero agradecer todo o bem que nos deixou, sobretudo o de uma vida gasta até ao fim por uma causa que a apaixonou desde o princípio: os Pobres, a Obra da Rua e os seus filhos.

Padre Manuel António

Cantinho das senhoras

D. Virgínia deixou-nos; o Pai chamou-a. Graças ao Pai pela sua vida.

Ela tinha duas preocupações de que falava muitas vezes e eu gostaria que ficassem como herança para mim e as outras senhoras da Obra da Rua. Uma, que era quase uma constante nas suas conversas e cartas: a preocupação pela vida espiritual dos rapazes. Oxalá este interesse esteja sempre presente na nossa actualização. Um rapaz crente, confiante no amor de Deus e dos homens, que se sente construtor do Bem, tem alicerce para ser um homem feliz. São as raízes que devemos cuidar com todo o empenho para a árvore crescer harmoniosamente.

A outra preocupação era a oração constante. Observando-a, viamo-la mexer os lábios constantemente. Descobriu que sozinha (sozinhas), nada de bem podemos fazer. «Não faço aquilo que quero, mas aquilo que aborreço» — diz S. Paulo. Só a invocação constante do Espírito Santo pode fazer que surja luz das nossas limitações e a nossa presença possa ser realmente canal do amor do Pai. Que o Senhor nos ilumine e conduza.

Teresa (Benguela)

DOCTRINA



Não tenhas medo dos que podem fazer mal ao corpo.
Do Evangelho

NOUTRO dia fui à quinta da Misericórdia, conhecida nestas regras pela «cidade das tocas», visitar um pequenino dos meus, tendo sido apupado pelo mulheiro à saída dos muros: — *Lá vem o ladrão dos Pobres; arruma-lhe à cabeça!* Estuguei meus passos em direcção à azinhalha do Carmo onde me chegou a voz longínqua dum azedo «ai que te hei-de furar as tripas!»; e dei fundo na rua da Sofia um nadinha atordoado, sim, mas firme. A gente não perde o norte e deixa correr o marfim.

A Obra é da rua, na rua, a favor da rua. Nas ruas chove; quem lá anda, molha-se. Se andasses na minha vida, tinhas de fazer na mesma ou não davas rego certo. Como todas as mais culturas, também a da miséria, sendo bem cuidada, dá seres perfeitos em seu género. A quinta da Misericórdia é alfobre; há outros, noutros lugares. A sociedade trabalha para que nada lhes falte. São as sopas dos quartéis, a pedincha nas ruas, os tostoezinhos das igrejas e, nos dias mais solenes, há a grande parada dos bodos. Nessas ocasiões acode em peso a população dos alfobres, rica de maneiras, gestos, palavras — feras da selva quando lhes cheira a sangue. A sociedade ampara, acalenta, segura; não venha aquela pobre gente cair sobre a vida de quem, no mundo, procura digerir em paz.

HÁ dez anos que trabalho nas ruas de Coimbra e trago dentro do peito um grande sentimento: não posso fazer bem aos habitantes das tocas. Não posso mostrar-lhes a chaga do meu lado, que não acreditam no coração dos homens. Não posso, sequer, dar-lhes a mão, que, sem dinheiro, não pegam nela. Seria necessário um mínimo de vida antes que eu ali pudesse entrar, como gozam actualmente, nos novos bairros de Lisboa, os antigos habitantes d'«das minhocas».

AQUI, na quinta da Misericórdia, não há ainda esse mínimo de vida; tudo abaixo de zero. Bem sabemos que com a mudança de lugar esta boa gente não muda; mas as instalações asseadas deixam-nos evangelizar e eles mudam. Doutra sorte, sou «ladrão dos Pobres», arriscado a perigos de morte. Colhe-se o que se semeia; temos o que cultivamos. Não te amofines do que me chamaram e bate no teu peito arrependido de deixares cair assim o teu semelhante em tamanha perfeição moral!

NA última semana tive de ir ao Porto em serviço dos Pobres. Na Estação Velha quando olhava qual carruagem devia tomar, um senhor berra de cima: — *Suba para aqui!* Assim fiz. Soube, da boca daquele cavalheiro, que o livro *Pão dos Pobres* tem feito em Lisboa tremenda revolução: — *É preciso que se fale assim!*, disse. E fomos conversando até às portas da Invicta onde a girândola final constou duma nota de quinhentos: — *Distribua, Padre; e da seguinte proposição: — É necessário que os ricos sejam menos ricos, para que os pobres sejam menos pobres.* Pois é, meu senhor. A verdadeira revolução é levantar os Prostrados e não deitar abaixo os que caminham. O mundo está cansado de partos dolorosos que dão em aborto. Os alicerces continuam a ranger. Ainda não chegou a hora alegre de repor na sociedade o Evangelho, viver-se o Cristianismo à moda dos Apóstolos, lançar por terra as mesas dos agiotas.

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)